

WILLIAM WALKER
ATKINSON

**A VIDA
DEPOIS
DA MORTE**

Tradução de
Carla Ribeiro

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Vida depois da Morte*

Título original: *Life Beyond Death*

Autor: William Walker Atkinson

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagem de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal:

1.ª edição: janeiro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Índice

Um: «O outro lado»	11
Dois: «Não há morte»	19
Três: Os planos da vida	27
Quatro: O Plano Astral	35
Cinco: Depois da morte	43
Seis: O sono da alma	51
Sete: O despertar da alma	59
Oito: Geografia do Plano Astral	67
Nove: Estados de alma primitivos	75
Dez: Experiências religiosas astrais	83
Onze: Céus e infernos astrais	91
Doze: Expressão astral	99
Treze: Ocupação do Plano Astral	107
Catorze: Companheirismo astral	115
Quinze: «Comunicação espiritual»	123

Dezasseis: Almas presas à Terra	131
Dezassete: Conchas astrais	139
Dezoito: O segundo sono da alma	147
Dezanove: Renascimento	155
Vinte: Além da reencarnação	163

Capítulo Um

«O OUTRO LADO»

Uma das questões mais frequentemente colocadas aos mestres da sabedoria do Oriente é esta: «O que ensina em relação ao “outro lado” do rio da morte?» O ocultista treinado e evoluído considera-a sempre estranha. Como se, na rua, perguntasse a qualquer homem comum: «O que ensina sobre o “outro lado” da rua?» Este último sentir-se-ia naturalmente surpreendido por haver alguma questão de «ensinamento» acerca do tema, pois o inquiridor teria apenas de utilizar os olhos para obter a resposta.

O mestre oriental nunca deixa de se maravilhar com as muitas evidências do resultado da mera teoria e ensinamento dogmático por parte da maioria dos

mestres e pregadores do mundo ocidental. Estes supostos mestres são como os «cegos a conduzir cegos», pois não têm forma de comprovar as suas afirmações e limitam-se a transmitir o que receberam cegamente de outros, que, por sua vez, receberam de igual modo a sua instrução.

No Oriente, pelo contrário, encontram-se muitas pessoas que desenvolveram um sentido espiritual e psíquico superior, para as quais os fenómenos do «outro lado» são tão familiares como os «deste lado», que o «outro lado» parece tão real e efetivo como o ambiente convencional da vida terrena. Entre os orientais evoluídos, «o outro lado» não é um mar desconhecido; tem correntes, profundezas, ilhas e factos gerais tão claramente indicados e compreendidos como o oceano Atlântico os tem para o marinheiro ocidental. Mais, os orientais informados aprendem desde a juventude que os fenómenos do «outro lado» não precisam de se basear na fé; podem realmente ser *conhecidos* por aqueles que estiverem dispostos a despende o tempo e o estudo necessários ao desenvolvimento dos sentidos superiores que todo o ser humano possui.

Mas, pelas mesmas razões, o ocultista oriental evoluído vê-se confrontado com a mais desconcertante, para não dizer desencorajadora, tarefa quando tenta transmitir o seu conhecimento sobre este assunto aos alunos ocidentais. A mente ocidental recusa-se instintivamente a aceitar a verdade segundo a mente do

aluno oriental. Não tendo entendido, pela experiência efetiva, certos factos psíquicos e espirituais fundamentais, que servem de base ao ensinamento detalhado, a mente ocidental, antes de se dispor a avançar, exige «provas conclusivas» desses factos básicos. Na medida em que estes factos têm primeiro de ser *experimentados* para serem conhecidos, nenhum argumento alguma vez servirá para gerar essa convicção de verdade que deveria servir de base fundamental ao ensinamento detalhado.

Em consequência, para o aluno ocidental, as afirmações básicas gerais do mestre são aceites puramente com base na fé, ou então tidas como meros palpites ou especulações por parte do mestre. E, dado que há milhares desses palpites e teorias especulativas a serem avançados no mundo ocidental, pode muito bem desculpar-se o aluno por se recusar a aceitar qualquer um deles como verdade, pois, como é habitual argumentar, «todos os palpites são igualmente bons».

Na apresentação dos factos do «outro lado» a que o presente volume se dedica, o aluno deve entender, desde o início, que não lhe pode ser fornecida qualquer prova física, na ausência de um estado extremamente desenvolvido dos seus sentidos psíquicos e espirituais superiores. No seu caso, a prova exigida é semelhante à pedida ao cego, que reivindica provas do escarlate ou de qualquer outra cor do artigo; ou como a solicitada pelo surdo, que pede provas da existência de harmonia na música. Devido à própria natureza das coisas, as provas

não podem ser dadas neste caso. Imagine a tentativa de explicar a sensação do sabor do açúcar a alguém que nunca provou nada doce. Como e onde poderia começar? Como e onde poderia avançar?

Entendamo-nos, pois, completamente, mestre e discípulos. Temos de perceber que os ensinamentos deste livro não são oferecidos como *prova* dos fenómenos do «outro lado», mas meramente no espírito do viajante que regressa de um novo e estranho país e conta as histórias das suas viagens e do que aí contemplou.

Como dissemos aos nossos primeiros alunos ocidentais há nove anos: «Não queremos dizer que os mestres orientais insistam em que o aluno aceite cegamente todas as verdades que lhe são apresentadas. Pelo contrário, incitam o aluno a considerar verdade apenas aquilo que puder provar por si mesmo, pois nenhuma verdade é verdade para alguém até a experienciar. Mas ao aluno é ensinado que, antes de muitas verdades poderem assim ser provadas, ele tem de evoluir e desabrochar. O mestre só pede ao aluno que tenha confiança nele como indicador do caminho, e diz-lhe: «Este é o caminho; entra nele, e no caminho encontrarás as coisas que te ensinei; toca-lhes, pesa-as, mede-as, prova-as, e conhece-as por ti mesmo. Quando chegares a determinado ponto, saberás tanto sobre ele como eu ou qualquer outra alma nessa fase específica da viagem; mas, até aí, tens de aceitar as afirmações dos que lá foram antes ou de rejeitar todo o tema nesse

ponto específico. Não aceites nada como definitivo até o teres provado; porém, se fores sábio, beneficiarás dos conselhos e da experiência dos que foram antes de ti. Cada homem tem de aprender por experiência, mas os homens podem servir aos outros de indicadores do caminho. Em cada etapa da viagem, descobrir-se-á que os que progrediram até um pouco mais longe deixaram sinais para os que os seguem. O sábio tirará partido desses sinais. Não peço fé cega, apenas confiança até serdes capazes de demonstrar as verdades que vos transmito, tal como me foram transmitidas por aqueles que foram antes.»

O cético aluno ocidental pode contestar que não oferecemos «provas científicas» dos fenómenos do «outro lado». Se por «científicas» se refere às provas da ciência física, concordamos. Mas para o ocultista avançado, o termo «científico» tem um significado bem mais abrangente. Aquele que espera pesar, medir e registar as coisas espirituais por padrões físicos só se depara com o fracasso e a desilusão, pois nunca receberá as provas que procura. Os mecanismos físicos destinam-se apenas aos objetos físicos – o mundo do espírito tem o seu próprio conjunto de mecanismos. Só ele consegue registar os seus fenómenos. Queremos, portanto, que o assunto seja claramente entendido pelo leitor que inicia o estudo deste livro. Não são apresentadas provas físicas. Estritamente falando, não se encontram em lado algum. E mais, não há qualquer tentativa de

discussão – pois não existem bases para discussão entre os que veem «o outro lado» e aqueles cuja visão está limitada ao plano terreno.

Mas isso não significa que estejamos a oferecer-lhe um conjunto de afirmações irracionais e a insistir em que as aceite cegamente. Está longe disso o nosso intuito. Embora a razão sozinha jamais possa esperar trespassar o véu que separa os dois lados da Vida-Morte; a razão, se lhe for permitido seguir os próprios pareceres, despidos de preconceitos e da adesão cega aos ensinamentos, verá uma certa *razoabilidade* numa afirmação verdadeira dos factos do desconhecido – parecer-lhe-á que os ensinamentos enquadram-se com outros factos aceites, e que explicam de forma razoável fenómenos de outro modo inexplicáveis.

Em suma, parecerá à razão que os ensinamentos da verdade *conciliam* conjuntos de factos aparentemente opostos e juntam vários pedaços obscuros da verdade que são aceites por esta razão, mas que, até então, não foi capaz de unir e combinar numa estrutura conexa de conceitos mentais.

O aluno é instado a suspender o julgamento até ter lido atentamente, e com a mesma atenção considerado, o que temos a dizer. Depois, que releia e reconsidere o livro como um todo. De seguida, que faça a si mesmo a pergunta honesta: «Não parece isto razoável e provável?» Se não conseguir mais do que aceitar tudo isto como uma «hipótese de trabalho», que fique satisfeito

com essa posição – ainda que, para nós, o termo possa evocar um sorriso ao percebermos que o ensinamento se baseia na experiência e no testemunho dos sábios de todas as eras. Mas se o ensinamento for cuidadosamente lido e considerado, então será visto como cada vez mais razoável à medida que os anos passam com o indivíduo. Facto após facto, serão apreendidos como encaixando no ensinamento geral, e, assim como as antigas concepções são rejeitadas de tempos a tempos, descobrir-se-á que estes ensinamentos ocuparão o seu lugar.

Depois de uma verdade lhe ser apresentada, não é fácil fugir-lhe. Alojada no seu interior, tem forma de lhe provocar comichão no ouvido mental. Pois atrás dessa orelha está uma parte de si, por mais barreiras que crie a fim de se esconder, que conhece a verdade! Por muito que a negue, não pode fugir da verdade depois de alojada a semente na sua consciência, pois retirará sustento do subconsciente e, a seu tempo, brotará e dará folhas e flores.

Portanto, importa pouco se o aluno consegue ou não entender plenamente o ensinamento neste momento. Pois o Tempo é longo, e temos todo o tempo do mundo para dominar a lição. Todos os ensinamentos são, afinal, um processo de sementeira.

Capítulo II

«NÃO HÁ MORTE»

A humanidade tem estado hipnotizada com a ideia da morte. O uso comum do termo reflete a ilusão. Ouvimos aqueles que deveriam saber falar melhor de pessoas que foram «levadas pela ceifeira»; «ceifadas na flor da idade»; «terminadas as suas atividades»; «uma vida ocupada à qual foi posto fim»; etc., sendo a ideia exprimida a de que o indivíduo partiu deste mundo e foi reduzido a nada. No mundo ocidental, isto é particularmente verdadeiro. Embora a religião dominante no Ocidente ensine as alegrias do «além» em termos tão fortes que seria de esperar que todos os crentes recebessem com agrado a transição; ainda que se pudesse muito bem supor que

os familiares e amigos vestiriam roupas alegres e se cobririam de flores brilhantes em memória da passagem do ente querido para uma esfera de existência mais brilhante e feliz – vemos o oposto. A pessoa comum, apesar dos seus credo e fé, parece temer a aproximação da «ceifeira», e os amigos vestem roupas negras e dão todos os sinais exteriores de ter perdido para sempre a pessoa amada. Apesar das crenças ou expressões de fé, a morte representa um terror que eles não parecem conseguir superar.

Para os que adquiriram essa noção de consciência da ilusão da morte, estas emoções assustadoras desapareceram. Ainda que sintam naturalmente a dor da separação temporária e a perda da companhia, a pessoa amada parece ter passado para outra fase da vida, e nada se perdeu – nada pereceu. Há uma fábula secular hindu sobre uma lagarta que, ao sentir a aproximação do langor indicativo do fim da fase rastejante da existência e o início do longo sono da fase de crisálida, reuniu os amigos. «É triste», disse, «pensar que devo abandonar a minha vida, cheia de tantas promessas radiosas de realização futura. Cortada pela ceifeira na flor da idade, sou um exemplo da crueldade da Natureza. Adeus, bons amigos, adeus para sempre. Amanhã já não existirei.» E, acompanhada pelos lamentos e lágrimas dos amigos que rodeavam o seu leito de morte, faleceu. Uma velha lagarta observou tristemente: «A nossa irmã deixou-nos. O seu destino é também o nosso.

Uma a uma, seremos cortadas pela foice do destruidor, como a erva do campo. Pela fé, esperamos voltar a erguer-nos, mas talvez isto seja apenas a voz inspirada por uma esperança vã. Nenhuma de nós tem a certeza de nada quanto a outra vida. Choremos o destino comum da nossa espécie.» Após o que, tristemente, partiram.

Todos nós percebemos a triste ironia desta pequena fábula, e sorrimos ao pensar na ignorância que assistiu à primeira fase da transformação da humilde coisa rastejante na criatura de matizes gloriosos que, com o tempo, emergirá do sono da morte para uma forma de vida superior. Mas não sorriam, amigos, com a ilusão das lagartas – não passavam de seres como vocês e eu. Pois o contador de histórias hindu de há séculos retratou a ignorância e a ilusão humanas neste pequeno conto das formas de vida inferiores.

Todos os ocultistas reconhecem nas fases de metamorfose lagarta-crisálida-borboleta um retrato da transformação que aguarda cada homem e mulher mortais. Pois a morte não é mais, para o ser humano, um término ou cessação do que o sono da morte das lagartas. Em nenhum dos casos a vida cessa por um instante que seja – a vida persiste enquanto a Natureza opera as suas mudanças. Aconselhamos os alunos a levar consigo a lição desta pequena fábula, contada há séculos aos filhos da tradição hindu e por eles transmitida de geração em geração.

Em rigor, do ponto de vista oriental, a morte é algo que não existe. O nome é uma mentira – a ideia, uma ilusão nascida da ignorância. Não há morte – só há Vida. A vida tem muitas fases e formas, e algumas das fases são chamadas «morte» pelos homens ignorantes. Nada morre verdadeiramente – ainda que tudo sofra uma mudança de forma ou de atividade. Como Edwin Arnold exprime de modo tão belo na sua tradução do *Bhagavad Gita*:

*Nunca o espírito nasceu;
De existir jamais deixará.
Nunca houve tempo em que não existiu
Princípio e fim são coisa sonhada.
Sem nascimento ou morte, e imutável,
Para sempre o espírito permanecerá;
A morte jamais o tocou de todo,
Ainda que morta pareça a sua morada.*

Com frequência, os materialistas frisam, como argumento contra a persistência da vida para lá da fase da morte, o facto assumido de que tudo na Natureza sofre a morte, a dissolução e a destruição. Se assim fosse, seria razoável defender a morte da alma como conclusão lógica. Mas, na verdade, nada do género acontece na Natureza. *Nada morre realmente*. Aquilo a que se chama morte, mesmo da mais pequena e aparentemente inanimada das coisas, cinge-se a uma mudança de forma

e de condição das energias e atividades que a constituem. Nem o corpo *morre*, no sentido estrito da palavra. O corpo não é uma entidade, mas sim um mero agregado de células, e estas células são simples veículos materiais para determinada forma de energia que os anima e vitaliza. Quando a alma deixa o corpo, as unidades que o compõem manifestam repulsa umas pelas outras, em vez da atração que as unia. A força unificadora retira o seu poder, e a atividade inversa manifesta-se.

Como bem disse um escritor: «O corpo nunca está mais vivo do que quando está morto.» E como afirmou outro escritor: «A Morte não é senão um aspeto da vida, e a destruição de uma forma material é apenas o prelúdio para a construção de outra.» Portanto, falta ao argumento do materialista a premissa principal, e todos os raciocínios nela baseados devem ser erróneos e conduzir a uma falsa conclusão.

Mas o ocultista avançado, ou outra pessoa espiritualmente evoluída, não precisa de pesar o argumento dos materialistas, nem o faria, ainda que estes argumentos fossem cem vezes mais lógicos. Pois essa pessoa despertou dentro de si as faculdades psíquicas e espirituais superiores por meio das quais pode *saber* que a alma não perece quando o corpo se dissolve. Quando se é capaz de deixar o corpo físico para trás e viajar pelas regiões do «outro lado», como no caso de muitos indivíduos evoluídos, quaisquer discussões ou

argumentos puramente especulativos sobre a realidade da «vida depois da morte» tomam o aspeto de absurdos e de futilidades.

Se um indivíduo – que ainda não alcançou a fase do discernimento psíquico e espiritual através do qual lhe são dadas as provas do sentido maior na questão da sobrevivência da alma – descobrir que a sua razão lhe exige algo semelhante a «provas», que volte para dentro o seu olhar mental, em vez de para fora, e aí encontrará o que procura. Pois, como toda a filosofia nos ensina, o mundo do interior é bem mais real do que o dos fenómenos exteriores. De facto, o homem não tem verdadeiro conhecimento do exterior – o que tem é o parecer do interior sobre as impressões recebidas do exterior.

O homem não vê a árvore que fita – apenas a imagem invertida dessa árvore retratada na sua retina. Não, mais, a sua mente nem sequer vê esta imagem, pois só recebe o relato vibratório dos nervos cujas extremidades foram excitadas por essa imagem. Por isso, não precisamos de ter vergonha de analisar mentalmente os recessos interiores da nossa mente, dado que muitas das verdades mais profundas estão lá gravadas.

Nas grandes regiões subconscientes e supraconscientes da mente encontra-se o conhecimento de muitas verdades fundamentais do universo. Entre duas destas verdades mais fortemente gravadas estão estas: a certeza da existência de um Poder Universal Supremo, sob, por

trás e sustentando o mundo fenomenal; e a certeza da imortalidade do Verdadeiro Ser – esse Algo Interior que o fogo não pode destruir, a água não pode afogar e o ar não pode soprar para longe.

O olho da mente voltado para o interior encontrará sempre o «eu», com a certeza da sua imperecibilidade. É verdade que isto é um tipo de prova diferente do exigido relativamente aos objetos físicos e materiais, e então? A verdade procurada é um facto da vida espiritual interior, e não da vida física exterior – portanto, deve ser procurada *dentro*, e não fora, da própria alma. O intelecto objetivo respeita apenas aos objetos físicos – o intelecto subjetivo, ou intuição, relaciona-se com os objetos psíquicos e espirituais, sendo um o corpo das coisas e o outro a alma das coisas. Procure o conhecimento, relacione cada tipo de coisa com a região apropriada do seu ser.

Deixe a alma falar por si mesma e descobrirá que o seu canto soará clara, forte e gloriosamente: «Não há morte; não há morte; não há morte; não há nada a não ser vida, e essa vida é a VIDA ETERNA!» Assim é o canto da alma. Escute-o no silêncio, pois só aí as suas vibrações podem alcançar os seus ávidos ouvidos. É o canto da vida negando sempre a morte. Não há morte – não há nada além da vida eterna, e eternamente para sempre.

